

ACADEMIA PARAIBANA DE MEDICINA
SAUDAÇÃO A UM NOVEL ACADÊMICO
Acad. Genival Veloso de França¹

Fecha de publicación: 03/10/2016

Meus Eminentes Confrades:

Esta saudação, se dependesse de mim, seria isenta de qualquer formalidade. Seria como uma conversa entre dois bons amigos. Mas não posso. É regra nesta Casa o respeito ao protocolo e por isso vou acatar o manual acadêmico.

Delosmar Domingos de Mendonça nasceu na cidade de João Pessoa, numa madrugada de segunda-feira, na Av. João Machado, onde existia a residência de número 814. Foi recebido pelas mãos bondosas de Dona Dondon, uma velha e hábil parteira que atendia as famílias mais humildes que não podiam pagar médicos. Filho de um comerciante modesto de nome Francisco Domingos de Mendonça e de Guiomar de Albuquerque Mendonça. São seus irmãos Domingos Mendonça Neto (*in memoriam*), Derivaldo, Dagmar (*in memoriam*) e Dimar.

É casado com a Prof^a Teresa Carvalho de Mendonça – um anjo na sua vida, de cuja união nasceram Delosmar Junior, Francisco Manoel, Suy-Mey e Suzy-Lee, esta última falecida três dias depois de nascida. E para seus novos afetos e revividas alegrias, os netinhos Delosmar Neto, Lucas, Ana Tereza, Raissa e Maria Isabel, herdeiros de justo orgulho e de tantas emoções.

Iniciou seus estudos primários com Dona Adélia Amorim, passando logo em seguida a estudar no Grupo Escolar Santo Antonio, no bairro de Jaguaribe. Depois nos Grupos Pedro II e Isabel Maria das Neves, onde encerrou o curso primário. Recebeu a orientação da rigorosa Professora Ernestina no curso de preparação ao Exame de Admissão ao Ginásio do Colégio Pio X, transferindo-se depois para o Liceu Paraibano, e daí partiu

¹ Da Academia Nacional de Medicina Legal. gvfranca@uol.com.br

para o vestibular da Faculdade Medicina da Paraíba, formando-se médico em 8 de dezembro de 1961.

Depois de formado em medicina, não teve oportunidade de freqüentar os centros especializados de maior renome, nem se tornar um estagiário peregrino por terras de Espanha e areias de Portugal.

Cuidou disso muito antes. A partir de 1957, ainda estudante de medicina, iniciou uma verdadeira escalada de aperfeiçoamentos através de Cursos de Extensão Universitária e outros estágios acadêmicos no Instituto de Assistência e Proteção à Infância e na Casa de Saúde São Vicente de Paulo em João Pessoa.

Logo depois de formado foi assistente voluntário do Departamento de Obstetrícia e Ginecologia da nossa Faculdade de Medicina, médico estagiário da Maternidade Cândida Vargas, médico plantonista do Serviço de Assistência Médica Domiciliar e de Urgência com exercício no Posto de Sapé. Médico da Legião Brasileira de Assistência a partir de 1964 e Câmara Municipal de João Pessoa, de onde era funcionário desde 1957 e de quem recebeu seu anel de formatura.

Ingressou no magistério superior como Auxiliar de Ensino em 1966 e já em 1972 era Professor Assistente por concurso. Depois Professor Adjunto e por fim Professor Titular e Coordenador da Disciplina de Obstetrícia. É Livre Docente desta Disciplina por concurso público, tendo sido aprovado em 1º lugar no seu Departamento e em segundo lugar entre todos os docentes livres da Universidade Federal da Paraíba.

É especialista em Ginecologia e Obstetrícia pela Febrasgo, membro da Federação Internacional de Ginecologia e Obstetrícia, Membro Titular do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, citado em diversos livros de sua área profissional. É co-autor dos livros “Tratado de Obstetrícia” organizado pela Febrasgo e editado pela Livraria e Editora Revinter, com o capítulo “Modificações do Organismo Materno – Genitais e Mamárias” e do livro “Manual de Assistência ao Parto e Tocurgia” pela Febrasgo com o capítulo “Operações Ampliadoras das Partes Moles” e autor do livro “Protocolos de Diagnóstico e Tratamento e Obstetrícia”, pela Livraria e Editora Revinter do Rio de Janeiro.

Tem o título de cidadão honorário da cidade de Juarez Távora e foi agraciado com as medalhas “Cidade de João Pessoa” pela Câmara Municipal de João Pessoa, “Ordem do Mérito Judiciário do Trabalho Epitácio Pessoa” pelo Tribunal Regional do Trabalho, 13ª Região, “Bons

serviços à causa legionária” pela Legião Brasileira de Assistência e com a medalha “Mérito Sucam” pelo Ministério da Saúde.

É autor também do livro de poesias “Relicário de Emoções”, que é seu próprio coração aberto numa comovente diástole de emoção e sentimento. Um coração novo, recentemente consertado a ferro e fogo.

Sobre esta obra não posso nem devo falar. Certamente ficará para outra oportunidade e para outro poeta como ele, porque esse mundo dos poetas é um mundo muito curioso. Coisas que para nós nada valem, para eles até o nada é tudo. De uma única lágrima são capazes de construir catedrais góticas de relevos monumentais. Falam uma língua que fazem coincidir sua dor com a dor de todos, e quando cantam suas ilusões, cantam as nossas também.

Este é o médico e o intelectual Delosmar Domingos de Mendonça.

Agora é a vez do amigo.

Nascemos e vivemos, pela graça de Deus, à beira do mesmo rio – o rio Jaguaribe, o rio de nossa infância, que agora escureceu suas águas, mandou embora as piabas e os gurus, brigou com os passarinhos e depois se escondeu. Perdeu todo gosto de brincar com a meninada e de correr livre pelos caminhos. Ele perdeu o curso e nós perdemos o rio

Tenho viva na minha lembrança a imagem do início do nosso conhecimento. Foi num primeiro dia de aula, no Grupo Escolar Santos Antônio, perto de onde morávamos. Era nossa mestra uma jovem pálida e franzina, de olhar meigo e fala mansa. Não tinha pressa no andar e o porte era altivo como o de uma princesa. Chamava-se Bernadete a professora-menina, estudante do curso pedagógico. Foi a primeira paixão de tantos de nós e de quem minha pobre lembrança não se separou nunca mais.

Recordo-me com detalhes desse encontro. Foi-me colocado ao lado um menino loirinho e chorão, que zangado se encolheu sem querer nenhuma intimidade, sem permitir qualquer aproximação.

O tempo foi passando e disso resultou uma amizade que o tempo só faz crescer. Companheiros permanentes dos caminhos encomprados nas idas e voltas da escola, nos banhos no poço da caieira de seu Toinho, dos seriados do Caveira e do Arqueiro Verde no cine Jaguaribe, das bicicletas alugadas em seu Cosminho, das “peladas” no campo do escorrego, dos banhos na cacimba de seu Cirilo na Rua do Meio, das pipas empinadas na rua da Concórdia perto da casa da minha tia Maria, dos namoros na Festa do Rosário e dos lugares onde os rapazes solteiros gostavam de ir depois das dez horas da noite. Sempre estivemos próximos. Sabíamos sempre dos

passos de cada um. Moramos a vida inteira numa distância que não passava de um quarteirão.

Mas, há um fato singular nessa nossa relação. Somos irmãos de leite.

Contou-me certa vez minha santa mãe esse fato. Disse que era comum naqueles tempos tratar conjuntivite com leite materno. E foi assim que ele foi se chegando para bendito tratamento e aproveitou-se para dividir comigo o leite. Do que me fez falta, segundo disse aqui José Eymard, pois na verdade fui magro durante mais de cinqüenta anos.

Hoje proclamo com orgulho e emoção que Delosmar é meu amigo. Mais do que isso: meu irmão.

Um dos fatos mais tocantes de sua personalidade é a obstinação. Nasceu das entranhas da pobreza. Podia até omitir esse detalhe, mas essa origem é o seu orgulho. Há pessoas que certos fatos não marcam a alma nem modificam o destino, e pelas mãos de ninguém elas chegam ao patamar da glória. Mas eu sinto que meu apresentado gosta mesmo é de vestir seu bermudão, ir para a granja e tomar cerveja com os amigos, demonstrando, como dizia Fernando Pessoa em um dos seus versos, “um cansaço de ser tanta coisa”.

Era ainda estudante de medicina quando seu pai precocemente faleceu. Esta foi sem dúvida a fase mais difícil de sua vida, pois teve de assumir a família, tomando conta da casa e orientando os irmãos, a ponto de aguardar que todos se casassem para depois casar com Teresa, sua namorada e colega desde o vestibular de medicina.

Seria injusto aqui não ressaltar a excelsa figura de Dona Guiomar que fez como o pelicano que fere o próprio peito para alimentar os filhos. Há razão quando se diz que só há um amor que nunca termina, que tudo perdoa e nada pede e se e pede, é apenas para que se seja feliz: o amor de mãe

Outros tempos difíceis foram os anos de ditadura quando respondeu a inquérito policial-militar no Quartel do 15º Regimento de Infantaria em João Pessoa, no Quartel das Guardas em Recife e na Delegacia de Ordem Política e Social desta cidade, indiciado que foi por manifestar sua simpatia aos movimentos dos trabalhadores rurais que se organizavam em Ligas Camponesas na cidade de Sapé, e de onde se dizia treinar militantes para a guerrilha. Ou ainda, embora não seja um fato de todo comprovado, mesmo constando dos autos de um daqueles inquéritos, por ter dado voz de comando a falanges de camponeses contra as tropas do temido capitão Luiz de Barros.

Hoje, seu perfil é marcado pela vida acadêmica, toda ela pontuada por uma produção científica profícua e por um magistério eloqüente e respeitado. Poderia ser até mais ousado e insinuante, pois títulos e méritos não lhe faltam, tão diferente de certas vulgaridades que por aí transitam no alto de sua insignificância, buscando a todo custo e a todo modo aparecer. Seu falar barulhento e seu riso largo e estrepitoso fazem parte de uma forma de ser. Não é quebra da austeridade nem arroubos de presunção. O caráter não está na voz: está na consciência de cada ato.

Meu estimado amigo Delosmar Mendonça:

As Academias de Medicina, mesmo pretendendo ser diferentes das outras associações de classe que tratam do aprimoramento científico ou das reivindicações puramente pragmáticas, incentivando a ciência e a cultura, malgrado um outro esforço não têm, a exemplo de outras instituições, se posicionado abraçando os grandes temas políticos e sociais que estão a merecer as aflições do povo brasileiro.

E não é de agora tal omissão. Ela vem desde os tempos imperiais de sua fundação e realçou-se diante da repressão quando nosso país esteve mergulhado na mais insana das ditaduras. Rarissimamente, para não dizer nunca, se ouviu uma voz partindo delas em favor das idéias libertárias. Esperou-se muito delas no momento em que se verificava uma articulação da sociedade brasileira, após esse longo e penoso período de arbítrio, e quando a ânsia de todos era alcançar os pressupostos básicos de uma democracia representativa, como forma de abrir caminho à cidadania.

Falo isso por duas razões: primeiro porque nesta Casa os Acadêmicos sempre tiveram toda liberdade de expressão e nunca houve qualquer manifestação de censura ou de mal-estar por parte da sua direção. Depois porque conhecendo suas posições políticas e quanto lhe custou agir assim, sei que gostaria que dissesse isso.

A verdade é que a Medicina não pode ser uma opção neutra e conformada, estéril e formalista, complacente com uma estrutura social injusta que se conforma com desumanos desníveis e que fere a comunidade de forma impiedosa e perversa. Isso não implica negar seu caráter científico. Ao contrário, quanto mais a Medicina se torna científica, mais ela se politiza pela maior e melhor aplicabilidade no reconhecimento de seus métodos. Para conquistar a saúde não basta modificar a relação entre o homem e a natureza, senão, também, mudar as relações sociais.

Se não que tipo de atividade é essa que não manifesta sua profunda frustração na crescente disparidade entre as possibilidades da ciência e do

bem-estar real? Por isso a necessidade de uma Medicina de visão política, capaz de desfazer um terreno minado por princípios sociais deturpados pela flagelação das camadas marcadas pelo sofrimento humano. Uma Medicina condicionada a um padrão de comportamento que tenha no homem natural e social seu primeiro objetivo. Uma Medicina, finalmente, capaz de alcançar cada vez mais a pessoa do homem de agora, denunciando os horrores de seus dramas, na maioria tendo, na sua origem ou nas suas conseqüências, o traço indelével da injustiça e da iniquidade.

A ciência médica progrediu muito mais nestes últimos cinquenta anos do que em toda sua milenar história. Criou novas formas de descobrir doenças e poderosos meios de combatê-las, porém não aprendemos ainda como usá-la numa sociedade punida por doenças evitáveis e curáveis e onde parte da população não recebe nenhuma ajuda.

Galeno dizia que a liberdade e a independência econômica eram os principais condicionantes da saúde, mais importantes que uma boa constituição física, porque seria impossível levar uma vida sã sem tais requisitos. Rudolf Virchow afirmava que a medicina é uma ciência social e a política não era outra coisa senão a medicina em grande escala. O médico que vive diariamente em contato com as pessoas conhece as condições sociais melhor do que ninguém. O médico, dizia ainda Virchow, é o advogado natural dos pobres e os seus problemas sociais caem em maior parte dentro de sua jurisdição.

Há motivos políticos e sociais que reclamam dos médicos posições mais coerentes com a realidade que se vive. O homem simples da rua já percebe o abismo que se cava entre o que a Medicina pode oferecer e o que ela na realidade tem oferecido.

Hoje, o conceito de saúde-doença mudou. Não tem mais uma única causa – puramente médica, iniciada com a descoberta dos agentes patógenos. Mas um enfoque multicausal que considera o processo como uma relação entre o indivíduo e o seu meio ambiente.

O ato médico é um ato político porque a saúde e a doença, como fenômenos sociais, exigem uma intervenção programada e consciente, dirigida para o bem comum. O médico tem de entender que a doença não é um fato isolado e que ele não pode permanecer sempre no epicentro das moléstias, mas também na periferia onde estão suas causas. Ele tem de ampliar sua capacidade de intervenção sobre o meio. Tem de reduzir seu poder asfixiante sobre o indivíduo e lançar-se às mudanças das relações sociais.

A partir do momento que se entendeu ser a saúde das populações mais dependente de suas necessidades básicas do que das própria assistência curativa, e que toda doença tem na sua origem ou nas suas conseqüências uma causa de ordem social, daí em diante ele necessita ocupar outros espaços.

Digo tudo isso porque as Academias nasceram com uma inclinação irresistível para o humanismo, e que poderiam ter um papel mais significativo neste instante de tanta inquietude e sobressalto. Acredito que aqui não é lugar para se discutir propedêuticas e terapêuticas médicas. Mas um lugar de exercitar o pensamento crítico.

* * * * *

Meu estimado amigo Delosmar:

Aqui estão, para lhe saudar pela minha voz e festejar com a própria emoção, seus velhos amigos e companheiros que há muito tempo aguardavam sua presença.

Em nome da Academia Paraibana de Medicina, que aceitou a indicação desta apresentação, desejo toda sorte e estimo que continue cultuando cada vez mais a imaginação e a pesquisa.

Eu, de minha parte lhe agradeço, querido confrade, pela homenagem em paraninfar sua entrada nesta Casa. Entendi o gesto. Você quis prestigiar o passado e reavivar as lembranças e cada uma delas foi como uma ressurreição. O tempo que é cruel e não para, só para em respeito à saudade. Guimarães Rosa dizia que “toda saudade é uma espécie de velhice”. Aqui ela é semelhante a lembrança do primeiro amor que por mais antiga que seja nunca chega a ser velha.

Amigo, a hora é sua. Volto para o lugar de onde saí com a mágoa de não ter feito mais, porque o resto está no coração e eu não sei dizer.

Muito obrigado.